

Aline Jorge Corrêa, *Universidade Federal do Paraná - UFPR - Paraná - Brasil*
 Marcelo Moraes e Silva, *Universidade Federal do Paraná - UFPR - Paraná - Brasil*

TERRA, V. D. S. **Memórias anatômicas**. 2007. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Para desvirginar o labirinto
 Do velho e metafísico Mistério,
 Comi meus olhos crus no cemitério,
 Numa antropofagia de faminto!

A digestão desse manjar funéreo
 Tornado sangue transformou-me o instinto
 De humanas impressões visuais que eu sinto
 Nas divinas visões do íncola etéreo!

Vestido de hidrogênio incandescente,
 Vaguei um século, improficuamente,
 Pelas monotonias siderais...

subi talvez às máximas alturas,
 Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
 É necessário que ainda eu suba mais!
 (DOS ANJOS, 2009).

Assustador, subversivo, abjeto, são palavras que nos ocupam a mente ao ler o poema do Poeta de Necrotério. Situação semelhante ocorre ao ver corpos sendo investigados na mesa de anatomia. Perspicaz o poeta Augusto dos Anjos irá expor a busca incansável do conhecimento, algo que se inicia no cadáver perfazendo-se universalmente todos os recônditos da vida. Soçobrado nessa especulação do ser humano a anatomia sulcará a constituição/delineação do corpo, bem como os processos políticos e pedagógicos necessários para sua instituição na sociedade moderna.

Nesse contexto, apresentamos a tese de doutorado de Vinicius Dermachi Silva Terra, intitulada “Memórias Anatômicas”, estudo defendido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Dra. Carmen Lúcia Soares. As principais fontes de pesquisa utilizadas para a estruturação do trabalho foram pinturas e imagens sobre os estudos anatômicos.

Iconografias re-significadas e criticadas de acordo com o olhar e a intenção do autor. Com a sensibilidade de estudar um objeto, sem o pretexto de exprimir nele conceitos paradigmáticos, Vinicius Dermachi Terra pretende levantar uma história, mais precisamente aquelas que foram relegadas pela anatomia, mas que permeiam esse campo até o tempo presente. Segundo o autor as imagens foram os instrumentos utilizados pelos médicos anatomistas para imortalizar perante a sociedade seu poder. Anexada com as palavras ela abrange a dominação do espaço social/temporal com a sua renitente expressão do conhecimento. Destarte, que o autor se utilizará delas para proporcionar ao leitor uma releitura do passado através de uma visão do presente; ela será o caminho, a bússola que guiar-nos-à pelos caminhos do renascimento.

Para alcançar tal intento à tese se divide em dois grandes capítulos e diversos sub-capítulos. Dos quais, apenas “Vesalius e a Anatomia Moderna” não serão diretamente comentados, pois suas idéias principais se encontram ao mesmo tempo em todos os capítulos e por vezes em nenhum deles. O que o leitor irá logo compreender ao se assomar aos tripulantes deste caminho desconhecido que há de transformá-lo pelas suas entranhas.

Pressuposto no título do primeiro capítulo o autor faz uma brincadeira com a palavra “dissecar”, cujo seu sentido reservado ao cadáver volta-se à construção da própria anatomia. Através da análise minuciosa da pintura “*Alegoria da Anatomia*” de Fialetti o autor nos apresenta a “Senhora Anatomia” junto com suas companheiras (essenciais para sua compreensão) “Diligência” e “Engenho” – que como sombras, fazem parte de sua constituição – representando o velho e o novo; a sabedoria e a inocência; o cuidado e a audácia. E seus objetos (imbricados de simbologias), no qual, ressaltamos a “caveira”: anunciando a morte e alertando aqueles que são prosaicos a mudar seus comportamentos veleidosos; e um “espelho”: mostrando-nos em seu reflexo o Outro, algo inanimado, que utilizado como objeto de estudo, aduz conhecimentos que nos serão inseridos; bem como os questionamentos que estas geram ao serem interpretadas... Isto apenas como mero prelúdio.

Ensaando as complexas transformações provocadas pela anatomia; a tese emana em seu capítulo seguinte, o título/apotegma, que deslindará as estruturas desta dissecação do saber

médico. “O Corte” – baluarte da anatomia – possibilita a transformação do corpo, de um mundo místico (simbólico e intacto) para um objeto de conhecimento. Alteração que gera uma cultura da dissecação, onde serão criados nomes, ritos e livros, enfim saberes técnicos providos de especulações visuais, onde esta assume domínio de algo até então desconhecido, em suma adquire poder. Uma hierarquia suscita para proliferar os conhecimentos adquiridos – ou melhor, sobrepostos no cadáver. Da supremacia do Lector, o ser catedrático, aquele que possui as instruções/conhecimentos necessárias para conduzir uma aula anatômica; ao Sector, o impuro – geralmente um barbeiro insciente conhecedor de práticas cirúrgicas – responsável pelo domínio do escalpelo e a profanação do corpo; este saber vai sendo construído e transmitido.

Segundo Vinicius Dermachi Terra, o corte prelibou um novo saber que paliamente ao se instituir dissecou o corpo, bem como todos os espaços sociais. O que é traspassado são suas permanências que se ocultam no olhar, mas nem por isso não estão presentes atualmente. Memórias cingidas em um corpo moderno estofado de arte, arquitetura e espetáculo; congruência etérea da criação humana. Essa perda idiossincrática de nós (gajos), para a produção apolínea de um nirvana anatômico é o que o autor denomina cultura da dissecação.

Lembremos que no Renascimento ocorreu uma contracultura ao aprisionamento dos saberes antigos velada pela Igreja. De forma que, os conhecimentos dos filósofos foram relidos e re-interpretados com o objetivo de esclarecimento racional do que antes fora mitificado. Nesta “arqueologia anatômica” o autor desforra Andreas Vesalius, apresentando-nos como o ser humano que foi e menos como o médico-anatomista que era. Fascinado pela filosofia antiga o anatomista concernirá os saberes platônicos para demonstrar a harmonia e a racionalidade presentes no corpo. Enaltecendo o “Engenho” da natureza e a si mesmo, por ser capaz de produzir tal obra. Assim; fundando o corte Vesalius inaugura a anatomia moderna; sutil e arrojado o autor sucinta as “*fronteiras da pele*”.

Para compreendermos Vesalius, o autor em sua tese nos apresenta Hipócrates e seu discípulo Galeno. Hipócrates acreditava que assim como a natureza se constituía de quatro elementos (terra, ar, fogo e água) o ser humano também possuía quatro temperamentos que

interferem na sua saúde (bílis negra, bílis amarela, sangue e fleuma). O *corpus* hipocrático é uma representação microcós mica do macrocosmo inter-relacionados, ou seja, uma mudança em um que afeta o outro. A falta de temperamento poderia causar uma doença, e entre a cura está à abnegação de alimentos e a utilização de práticas corporais como complemento. Além do sono e evacuações. O corte aqui pertencia à sangria, outro método para sanar as dores e desconfortos das doenças dos indivíduos. Era um corpo regido por uma matemática de desenvolvimento, meteorologia, astrologia; um não corpo formado por estados de inquietações cósmicas.

Galeno ao tornar-se um cirurgião de gladiadores – deixando de ser um médico retirante – irá aprender as bases para uma nova medicina anatômica que será delineada a partir da dissecação (a prática do corte não fica mais relegada ao barbeiro, porém este continuava sendo inferior ao médico por não possuir o conhecimento necessário para “curar” um corpo doente). Este ao iniciar suas dissecações com animais transferiu os saberes adquiridos nas vivisseccões ao corpo humano, contra isto Vesalius irá em sua anatomia moderna erigir um ser humano totalmente separado destes gerando um Anti-Galenismo.

Para que a anatomia pudesse se instituir como um saber no corpo social um conjunto de “tecnologias da dissecação” foi criado. Concernindo poderes eclesiásticos, governamentais e acadêmicos há uma elaboração de mecanismos simbólicos de profanação e sacralização religiosa para explorar o corpo do indivíduo escorchado na mesa. Dominando diretamente em forma de “demonstrações públicas” o organismo e sutilmente controlando o pensamento daqueles presentes nos locais de dissecação. Pedagogias anatômicas que necessitam de um local específico para serem realizadas. Serão engendrados os “Teatros Anatômicos” com as suas formas geométricas, padronizadas, belas, com um argeto uso de perspectivas, luz e sombra que se assemelham ao que os artistas moldaram em suas telas; fixando a “*arquitetura que sustenta o olhar*”.

Entretanto, Vinicius Dermachi Terra tem o cuidado de lembrar que o cadáver acima de tudo foi alguém, compondo dessa forma não só órgãos e tecidos, mas o processo de uma vida que foi esquecida para se analisar o organismo e compreender a vida. O anatomista – que

tira do Coveiro sua função, ao menos, à de enterrar o corpo do indigente – viola o cadáver do moribundo se justificando que aquele que não contribuiu com a sociedade enquanto vivo colaborará com a sua morte.

O autor apresenta em “o anatomista e o corpo moderno: morto” como a definição de tempo e morte são idéias/imagens que depuram o corpo (social). A Morte, experiência que nos escapa, simplesmente acontece. Possui ritos/contos obsoletos que amenizam a aceitação de nossa sina – a qual, ao tomarmos consciência lutamos contra este fado que a vida nos impôs e quiçá por isso os saberes médicos sejam hoje tão valorizados. Será neste ambiente que a anatomia tacitamente irá se instituir, utilizando-se em um primeiro momento destas simbologias para unir-se a Igreja e ser aceita como prática de correção moral do indivíduo ali exposto. Logo, como todo ser humano, esta surtirá em uma individualidade que proporcionará a introjeção dos seus conhecimentos na sociedade. O corpo/imagem de Vesalius possui vida, como se ele pretendesse estofar o cadáver de histórias, reflexões, sentimentos, humanidade... o que o corte retirou (a vida, a humanidade e o eu cósmico). Como também a apresentação de um Outro para os indivíduos (uma ambivalente forma de olhar o Outro e inserir os conhecimentos adquiridos em si). Esta busca insensata da plenitude de se tornar humano cambiará o pensamento dos indivíduos, de forma que, estes presos à ampulheta e a caveira possam resignar-se à construção de uma história com satisfações pessoais antes que sejam atacadas por esse inimigo oculto...

A anatomia delimitou o olhar assim como a câmera. Com a função de transmitir “cenas” selecionadas e assemelhar um indivíduo a um deus grego, o ser humano fica resignado a ingerir conceitos visuais adaptando seu olhar ao da câmera/atlas anatômico. A anatomia fez o mesmo com o cadáver, retirou suas impurezas (tecido adiposo, líquidos...), selecionou as partes corporais mais nobres, delineou tudo através dos conhecimentos adquiridos dos filósofos greco-romanos, moralizou o organismo e, por fim, estetizou o corpo.

Vinicius Dermachi Terra propõe uma História Anatômica, percorrida por suas memórias. Prudente ele desencadeia reflexões sobre como o corpo passa a ser transformado em objeto de estudo, e então redelineado e aperfeiçoado a partir dos próprios conhecimentos que

foram retirados de suas entranhas. Subseqüentemente ele nos apresenta as estruturas sublevadas para a instituição de seu poder. Enfim, ele traça no papel, assim como tantos escritores, a idéia de “que o género humano não é de se fiar”. (DÉL RIO, 2009.).

O corpo – este “caixão a carregar destroços” (DOS ANJOS, 2009) – possui a verdade, imprime a verdade e leva a verdade num ciclo vicioso da existência moderna à que fomos submetidos. Analisar esta obra é como um convite a apreciar o asseio destas memórias; é vociferar o homem/imagem enquanto os contempla, é valorizar a dignidade de ser idiossincrático, é se tornar cada vez mais humano.

[...]

Gostaríamos de finalizar a resenha como seguidores da mesma lógica do autor de “Memórias Anatômicas”, propondo deixar nossa opinião, um pequeno esboço, sobre a última figura da tese. Trata-se de uma imagem de Willian Cheselden, que consiste em uma Osteografia de um esqueleto rezando. Sob um ladrilho apenas, encontra-se um esqueleto ajoelhado a olhar para cima, uma imagem tão insólita que preferimos uma narrativa literária para expressar-nos.

O olhar, este a quem pertencemos seguir-se há o que está adstrito, e aí encontramos nada mais do que fora descrito, em seu horizonte nada passa do que espaço em branco. Irrelevante aparenta este atino, porém há muito mais para (re) construir numa análise de obra, que não se devem desconsiderar meros detalhes. Vamos supor que as linhas do horizonte se mostrassem em paisagem, o escopo do autor seria então a especulação de que tudo que começa terá seu fim, mais ou menos dia. Mas, se este pintor fizesse uma guarida (possivelmente uma igreja), as linhas ocultas assim diriam aos nossos olhos, Aqui se encontra um mortal a suplicar a piedade do Senhor para prescindir seus pecados e conduzi-lo pelo evangelho, mostrando-se assim ordeiro a sua palavra, então ripostaria nosso olhar. Pobre criatura não sabe a quem temer.

Sendo esta conversa impossível de firmar-se e posto que nestes casos a nossa imaginação sempre venha a nos ultrapassar qualquer raciocínio óbvio da cartografia humana ali representada, pois não é exatamente disto que se trata esta tese. Imagens que por si só narram a sua história, e a da humanidade que as criou. Não são como veremos a seguir, imagens anacrônicas que sulcaram seu tempo, provocaram mudanças e representam novas releituras para cada novo presente a que se insere. Ora, deixemos de apócrifas reflexões, e marquemos essa nossa realidade com o que realmente nos parece o que o autor vem a dizer com esta bela obra.

Instruído sobre aquele que foi escolhido para estar próximo de Deus por compreender a sua criação, e assim intervir nela, fazemos um paralelo com a idéia de Saramago (2005) de que assim que Deus declarou que Jesus era seu filho ele instaurou a religião católica; dentro dessa lógica o corte instaura o poder médico. Assim olhando para o passado e não podendo mais fazer nada sobre isso; resta-nos apenas vociferar como Jesus ao compreender:

[...] que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto por onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. Depois foi morrendo [...]

REFERÊNCIAS

DÉL RIO, Pilar. **Sobre Caim**. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/noticias/destacados/indexDetalle.php?i=380> Acessado em 11 de Novembro de 2009 às 15h28min.

DOS ANJOS. Augusto. **Solilóquio de um Visionário**. Disponível em: www.culturabrasil.org/augustodosanjos.htm Acessado em: 14 de Junho de 2009 às 13h20min.

DOS ANJOS. Augusto. **Solitário**. Disponível em: www.culturabrasil.org/augustodosanjos.htm Acessado em: 14 de Junho de 2009 às 13h20min.

FILHO, Manuel Alves. **Corpo Presente**. **Jornal da Unicamp**. 20 de outubro a 2 de novembro de 2008. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2008/ju414pdf/Pag04.pdf

Acessado em: 21 de Junho de 2009.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.